

O debate, um teste para a disputa eleitoral

Um teste bem-sucedido. Apesar das ausências de Ulysses e Collor, a audiência da Bandeirantes mostrou que a tevê será mesmo a grande arma dos candidatos.

Apesar da ausência de Fernando Collor de Mello (PRN) e de Ulysses Guimarães (PMDB), o primeiro debate entre presidentiáveis, promovido ontem à noite, conseguiu elevar o índice de audiência da **Rede Bandeirantes de Televisão**, na capital paulista, para 17% contra 38% da **Globo**. Uma façanha, pois no horário da novela – das 20h30 às 21h30 – a **Globo** batia a **Bandeirantes** com um índice de 67% a 70% contra 1% a 3%. Esses números foram registrados pelo Teletron, o sistema experimental de audiência que está sendo instalado pelo Ibope, atualmente conectado por canal telefônico em cerca de 140 domicílios.

“Se eleito, qual será a sua primeira medida ao tomar posse?” O debate teve início, às 21h30, com essa pergunta formulada pela apresentadora Marília Gabriela a todos os nove candidatos presentes, dispostos da esquerda para a direita, conforme o sorteio feito sexta-feira passada. As respostas:

Mário Covas (PSDB): “Ataque nítido, claro, inofensivo, à crise inflacionária. Sem combater a inflação, será difícil conseguir a estabilidade”. Leonel Brizola (PDT): “Lutaremos desde o primeiro momento para tirar o País desse atoleiro, mudar o rumo, retomar o crescimento, criar emprego, trazer a justiça social, a educação e a propriedade familiar”.

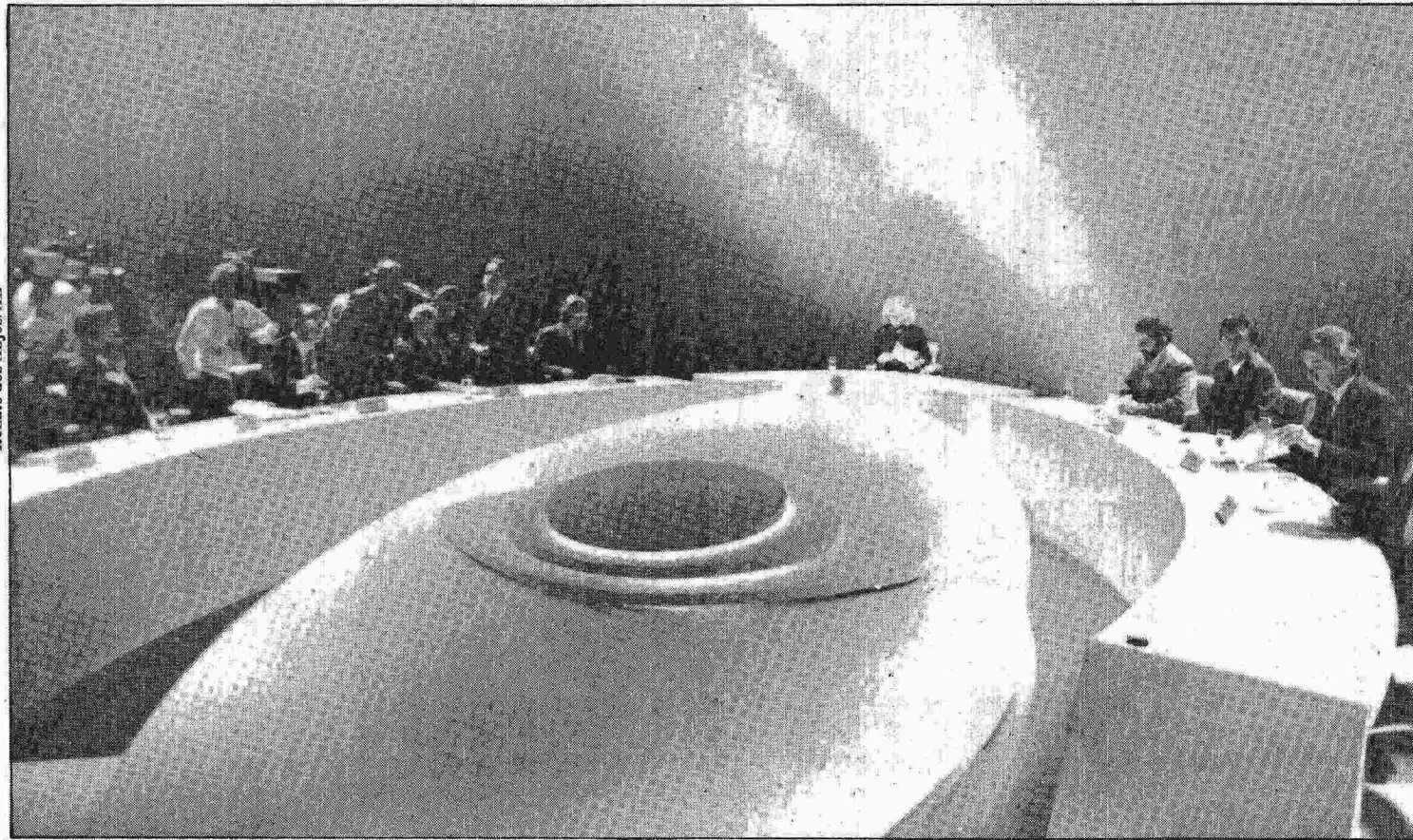
O terceiro a responder foi Paulo Maluf (PDS): “Combate incessante à inflação e à corrupção”. Aureliano Chaves (PFL) pregou a “retomada e redirecionamento do desenvolvimento e preservação da moeda”.

Luís Inácio Lula da Silva (PT) disse que o fundamental será “resgatar a credibilidade política neste país” e “uma verdadeira reforma administrativa para enxugar o Estado”. Guilherme Afif Domingos (PL) prometeu: “O primeiro choque que daremos será o choque da austeridade e da moralidade e o enxugamento dos ministérios para 13 – dez civis e três militares”.

Finalmente, Roberto Freire (PCB) disse que a tarefa prioritária será “dar posse a um Ministério de ampla coalizão democrática para que o governo tenha força política para enfrentar a crise”.

Quase no final do segundo bloco, a apresentadora Marília Gabriela passou por momentos constrangedores. Nesse bloco, cada candidato formulou pergunta a outro, que tinha dois minutos para responder. O perguntador tinha direito a um minuto de réplica e o perguntado a outro minuto de tréplica.

Afonso Camargo perguntou ao ex-ministro Aureliano Chaves “quanto se transfere de renda do governo para a sociedade”, com o objetivo de provocar uma resposta favorável às estatais. Aureliano entusiasmou-se e por duas vezes ultrapassou o tempo, sendo chamado à atenção. O ex-ministro não gostou e emburrou-se. Em seguida, convidado a



Os candidatos começaram falando sobre o primeiro ato, se eleitos.

formular uma pergunta a um adversário, Aureliano recusou-se inicialmente a fazê-la: “Vou abrir mão da minha pergunta. Não farei a pergunta agora”. Ante a insistência, acabou dirigindo-se a Afif Domingos, perguntando como equacionaria a questão da irrigação diante da carência de energia elétrica. Mário Covas indagou a Lula sua posição em relação ao capital estrangeiro, ao que o candidato petista respondeu: “Hoje, a interdependência é tão grande que seria imbecil tentar impedir a participação do capital estrangeiro na economia do País”. Mas defendeu o controle da remessa de lucros e disse que as empresas estrangeiras precisam remunerar os trabalhadores brasileiros tão bem quanto em seus países de origem. E defendeu também a reserva de mercado porque “pela ganância de trazer capital estrangeiro esquece-se de investir em pesquisa no Brasil”.

Brizola advertiu para o risco de se repetir no Brasil situação semelhante à da Argentina, mas Roberto Freire descartou a possibilidade de uma “argentinização”, ressaltando que “as crises são bem distintas. No Brasil, trata-se de uma crise setorial”.

Mário Covas, respondendo a uma pergunta de Maluf, declarou-se contra o aborto. Maluf considerou-se satisfeito, não quis replicar e Covas também não usou o minuto a que teria direito. Um momento de descontração no debate, que só iria esquentar de fato nos últimos blocos.